

APRESENTAÇÃO

Carlos Paulo dos Passos Matias¹

Diferente de outras ciências, é possível que, em se tratando da arqueologia, possamos encontrar posturas e conceitos limitados sobre sua atuação, ou sobre seu papel dentro do paradigma científico. Percebe-se que enquanto numa ponta temos arqueólogos produzindo e fazendo suas discussões com outras ciências; na outra temos ainda segmentos acadêmicos e não-acadêmicos alimentando uma visão equivocada e limitada da arqueologia. Quando fui convidado para apresentar o volume 17 da Revista Tecnologia e Ambiente (Dossiê Arqueologia, Ambiente e Patrimônio) com discussões que perpassam campos da arqueologia, do ambiente e do patrimônio, logo aceitei. Na dialética da vida, quando nos damos conta, estamos envolvidos com várias questões que chegam a nós sem que fizéssemos muito esforço; na academia, o movimento não acontece de forma tão simples, tão vulgar. Mas acontece! Nos últimos tempos, fazendo parte da equipe de Pesquisadores do Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada de Território da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), fui percebendo que as discussões avançam, renovam-se e estão sempre “solitariamente” em pauta.

No entanto, quando passamos a conhecer o montante de publicações ligadas à arqueologia no Brasil: arqueologia histórica, zooarqueologia, arqueologia subaquática, arqueologia da paisagem entre outras, percebemos quão diversificadas tem sido as pesquisas e quão promissor é o campo de atuação. É possível que esta dinâmica esteja acontecendo por fatores que não se explicam e não se esgotam só pela arqueologia, ou só por fatores ligados as pesquisas que a envolvam. Desde o governo de Getúlio Vargas, na Constituição de 1937, dentro do projeto político nacionalista, até a Constituição Cidadã de 1988, passou-se a dar atenção diferenciada acerca do chamado “patrimônio nacional”, em um processo onde a Legislação é criada e aprimorada a cada nova discussão, objetivando a garantia e a proteção do patrimônio cultural em suas diversas expressões.

A Arqueologia é uma área que possui grande influência sobre as escolhas, seleções e definições do que será ou não legado ao futuro como patrimônio. Toda a produção de

¹ Historiador. Mestre em Educação. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma, SC. E-mail: *cpp@unesc.net*.

discursos e narrativas não são neutras, igualmente, o trabalho dos arqueólogos acaba, muitas vezes, por interferir nos referenciais de memória e identidade de diversas comunidades contemporâneas.

Neste dossiê teremos a oportunidade de dialogar com diferentes temas ligados em algum momento pelo conhecimento arqueológico científico. Discute-se através da arqueologia o patrimônio e seu lugar na gestão integrada do território como elemento desencadeador de desenvolvimento social, articulado à exploração econômica como forma de geração de emprego, trabalho e renda, bem como sua relação com o ambiente, a partir de um estudo de caso no Rio Grande do Sul. Busca-se, também, dar visibilidade ao Projeto Andakatu. Este uma iniciativa do Museu de Arte Pré-Histórica de Mação – demonstrando como o projeto pode ser uma eficiente ferramenta entre as crianças e o público adulto; buscando-se demonstrar que é possível transformar o estudo de temas escolares numa prática que seja mais interativa e prazerosa. Reflete-se ainda, nas páginas desta revista, sobre como envolver as comunidades nos processos de apropriação, preservação e fruição do patrimônio arqueológico é mesmo necessário, e nesse processo, a utilização de instrumentos pedagógicos é fundamental, exemplo dado pelo Projeto Arte na Serra, desenvolvido no município de Coronel José Dias, Piauí – entorno do Parque Nacional Serra da Capivara – por meio de oficinas culturais, experimentação didática e visitas aos sítios arqueológicos. Do Estado do Mato Grosso, em específico os municípios de Indiavaí, Jauru, Figueirópolis D'Oeste, Araputanga, São José dos Quatros Marcos, Mirassol e Cáceres, têm-se a descrição dos sítios arqueológicos, descobertas e o que elas representam em termos históricos. Compartilha-se experiência das vivências nos caminhos da educação indígena, tanto escolar quanto tradicional, e analisam-se questões que possam trazer contribuições para o funcionamento da educação indígena quando esta se relaciona com o Estado. Poderemos ler sobre o Planalto Central do Brasil uma discussão acerca da diversidade cultural durante o Pleistoceno Final, como uma maneira de ampliar as discussões sobre o povoamento do Brasil no período pré-histórico. Na integração entre a informática e as telecomunicações veremos que através do uso da hipermídia, importantes instrumentos para a melhoria da aprendizagem, através de um sistema de redes e mapas conceituais e difusão do patrimônio cultural para públicos variados em abordagens amigáveis. Nas artes rupestres no município de Praia Grande, o sítio denominado Malacara I apresenta gravuras geométricas, associada às Tradições Geométrica Central, Meridional e Litorânea Catarinense. Busca-se nesta discussão fazer levantamento bibliográfico sobre arte rupestre no Brasil, com foco direcionado para o Sul do País, buscando aporte teórico para as análises do sítio arqueológico.

Acredita-se que a contribuição da **Revista Tecnologia e Ambiente**, em seu **Dossiê Arqueologia, Ambiente e Patrimônio**, com o tema da arqueologia, seja esta demonstração da incipiente teia de debates que vem sendo tecida nas últimas décadas no Brasil e no mundo entre a arqueologia e outras ciências. Onde poderemos visualizar e entrar em contato com algumas pesquisas em diversas áreas da ciência sob várias perspectivas e novas possibilidades. Os artigos reunidos neste dossiê demonstraram reflexões com as pesquisas arqueológicas realizadas no Brasil. Iremos ler nestas páginas como o conhecimento arqueológico, dialogando com outras fontes científicas e com outros enfoques, pode nos ajudar a continuar acreditando em nossa sapiência sem perder e sem ter medo da ciência, quando o assunto é nossa origem, nosso passado, nossa construção como indivíduo, enfim, nossa compreensão do caminho percorrido até chegarmos onde estamos hoje. E talvez uma das possibilidades mais importantes do potencial da arqueologia dialogando com outras ciências: a clara noção da importância de preservar. No entanto, a história mostra que só preservamos e daremos valor àquilo que conhecemos. Portanto o caminho é longo e promissor. É assim com a dinâmica de constituição de revistas, livros, simpósios, seminários, enfim, “arenas” acadêmicas onde acontecerão verdadeiros “embates” entre cientistas, com o desejo não de destruir, e sim de contribuir para o crescimento do conhecimento da humanidade.